

RESUMO - 04. MULHERES E PRODUÇÃO INTELECTUAL: VISIBILIDADE,
DISPUTAS E PLURALIDADE | HÍBRIDO

**A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO
E PRÁTICA EM ARQUITETURA E URBANISMO E SEU
DESDOBRAMENTOS NA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL URBANA**

Eduardo Ribeiro Silva (hedu.au@outlook.com)

João Vitor De Andrade Oliveira (joao.oli@edu.unimontes.br)

A arquitetura e o urbanismo, enquanto campos de conhecimento e prática profissional, têm sido historicamente estruturados por relações de poder que operam na intersecção entre gênero e raça. Neste sentido, este trabalho investiga a invisibilização das mulheres, particularmente das mulheres negras, tanto na produção epistemológica quanto no exercício profissional da arquitetura e urbanismo, revelando como estruturas patriarcais e racistas conformam não apenas quem projeta a cidade, mas fundamentalmente quais saberes sobre o espaço urbano são legitimados.

A pesquisa adota abordagem qualitativa ancorada na interseccionalidade e na interdisciplinariedade, articulando pesquisa teórica crítica sobre feminismo negro, epistemologias decoloniais, teoria urbana e arquitetura feminista. Seu escopo bibliográfico fundamenta-se, sobretudo, em pesquisadoras negras e/ou feministas, tanto de âmbito internacional, como kimberlé Crenshaw, bell hooks, Zaida Muxí e Doreen Massey, como a nível nacional, com Leila González, Carla Akotirene, Joice Berth, Djamila Ribeiro, Ermínia Maricato e Raquel

Rolnik. Ademais, analisa-se dados apresentados por conselhos profissionais, como o Conselho de Arquitetura e urbanismo – CAU/BR.

De modo geral, constata-se que a invisibilidade supracitada neste trabalho opera em múltiplas escalas. Epistemologicamente, a construção do conhecimento arquitetônico e urbanístico consolidou-se sobre a figura do "gênio criador" masculino, branco e europeu, marginalizando contribuições de mulheres e invisibilizando sistematicamente saberes de mulheres negras. Na arquitetura e urbanismo, esta dinâmica se manifesta na desvalorização de práticas espaciais populares, frequentemente protagonizadas por mulheres negras nas periferias, enquanto conhecimento técnico-científico permanece privilégio de profissionais brancos. Ademais, essa invisibilidade não se limita à ausência de reconhecimento, mas se manifesta na própria concepção dos espaços urbanos — frequentemente excludentes, inseguros e desiguais para as mulheres, sobretudo para as negras e periféricas.

Sobre o exposto, aponta-se que embora o debate sobre gênero na arquitetura venha se ampliando, a discussão racial ainda é incipiente. Poucos currículos acadêmicos abordam as desigualdades estruturais que afetam a presença e a produção de mulheres negras na área.

Assim, considera-se que a invisibilidade das mulheres, sobretudo negras, na arquitetura e urbanismo, não é uma lacuna, mas uma exclusão ativa. Desconstruir esta "arquitetura da invisibilidade" exige mais do que simplesmente adicionar nomes a uma história já contada. Impõe uma reestruturação epistemológica do campo, que valorize saberes subalternizados e reconheça que a qualidade do espaço é diretamente impactada pela diversidade de quem o concebe.

Palavras-chave: gênero; raça; epistemologia da arquitetura.